

MORADIAS TRADICIONAIS
XAKRIABÁ

Edmar Gonçalves Bizerra



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS
(FIEI)

Edmar Gonçalves Bizerra

MORADIAS TRADICIONAIS XAKRIABÁ

BELO HORIZONTE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS
(FIEI)

Edmar Gonçalves Bizerra

MORADIAS TRADICIONAIS XAKRIABÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da UFMG, Habilitação em Matemática, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Profa. Juliana Torres de Miranda

Co-orientador: Profa. Marcela Silviano Brandão Lopes

BELO HORIZONTE

2018

AGRADECIMENTO

Agradeço a Tupã (Deus) por me permitir chegar até este momento muito importante da minha vida;

Aos meus pais, Calixto (*in memoria*) e Ana Gonçalves, por me ensinar o caminho certo a ser percorrido;

E em especial a minha querida esposa Sandra Fernandes Pimenta pelos incentivos de sempre e companheirismo nas horas boas e difíceis que a vida nos proporcionou ao longo desses anos;

Aos meus irmãos Adimilson, Adilson, Valdineia e em especial Ednaldo pelos grandes momentos que Deus nos proporcionou de estar juntos nesta grande conquista de nossas vidas;

Aos nossos caciques Xakriabá e lideranças, que lutam incansavelmente para defender nossos direitos indígenas e em especial Domingos Nunes de Oliveira pela confiança e apoio de sempre, e a todos os índios Xakriabá;

Aos nossos Anciões entrevistados: Pajé Vicente, Augusto, Valdomiro, Osvaldo, pelos momentos de aprendizado que tivemos nas nossas ricas conversas;

À UFMG pelas parcerias e por acreditar que nós indígenas também somos capazes de fazer parte dela;

Aos alunos do FEI pela união e companheirismo de sempre;

Ao Colegiado do Curso FIEI: às lideranças que sempre vêm defendendo nosso direito por uma educação diferenciada – em especial aos lideranças Xakriabá Valdemar da aldeia Barreiro, Valdemar da aldeia Prata e Silvino da aldeia Tenda - , e a todo o colegiado, professores, bolsistas, secretaria do FIEI, por estarem sempre em defesa de nossos direitos e sempre respeitarem a cultura indígena;

À minha Orientadora Juliana Torres de Miranda, à coorientadora Marcela Silviano Brandão Lopes e a todos seus bolsistas do Morar Indígena pela paciências e ricos encontros de orientação que tivemos, pois sem estas pessoas este trabalho não seria possível s realizado;

Aos professores que passaram pela Habilitação em Matemática e em especial à professora Vanessa Tomaz pelas grandes aulas de matemáticas e por sempre estar ao nosso lado em momentos difíceis por sempre se preocupar com nós alunos;

meu muito obrigado a todos!

RESUMO

Este trabalho relata como eram e como são as formas de construção das moradias tradicionais Xakriabá. As casas tradicionais Xakriabá possuem uma identidade muito forte na nossa cultura. O objetivo deste trabalho é compreender, descrever e registrar as formas de construção dessas casas. A importância deste trabalho é que hoje entendemos que essas casas estão diminuindo com o decorrer do tempo, logo temos a preocupação de registrar essas formas de construção para que algum dia elas não fiquem só nas histórias do povo Xakriabá. O desenvolvimento deste trabalho foi feito através da observação das casas tradicionais ainda existentes no território, do registro fotográfico delas, do acompanhamento do processo de construção de uma casa na aldeia Barreiro Preto e de entrevistas com pessoas da aldeia Barreiro Preto e Aldeia Caatinguinha, gravadas em áudio e vídeo. Ao estudar as casas tradicionais Xakriabá, percebemos que sofreram algumas mudanças ao longo do tempo, principalmente na parte das coberturas, devido à escassez de materiais como capim sapé, capim barba-de-bode e tabua, que eram muito utilizados. As informações recolhidas foram organizadas em texto, desenhos, mapas e tabelas, com a contribuição da equipe do Programa de Extensão Morar Indígena da Escola de Arquitetura da UFMG. Assim, este trabalho apresenta várias formas de registro da casa tradicional Xakriabá que podem ser compartilhados nas escolas do território, fortalecendo ainda mais nossa cultura.

Palavras – chaves: Moradias tradicionais Xakriabá, modos e técnicas de construção Xakriabá, mudanças nas casas tradicionais Xakriabá.

ÍNDICE DE FIGURAS:

Figura 1: Identificação do Território Xakriabá.....	9
Figura 2: Fotos das Casas Tradicionais	17
Figura 3: Foto de Tapera na aldeia Barreiro Preto	18
Figura 4: Tapera.....	18
Figura 5: Construção da estrutura da casa	18
Figura 6: Casa construída e esquematizada	19
Figura 7: Oficina de produção de material gráfico.....	19
Tabela 1: Tipos de Materiais utilizados nas Moradias Tradicional Xakriabá.....	22
Figura 8: Fotos dos materiais	23
Figuras 9: Locais de retirada do barro na Aldeia Caatinguinha	25
Figuras 10: Locais de retirada do barro tubatinga na aldeia Barreiro Preto	25
Figura 11: Toá	26
Figura 12: Local da Construção	28
Figura 13: Buracos dos Esteios	29
Figura 14: Levantamento dos Esteios.....	29
Figura 15: Alinhamento dos Esteios.....	30
Figura 16: Abertura das valetas de 2 a 3 palmos	31
Figura 17: Distâncias das madeiras da vertical	31
Figuras 18: Cipó lagartixa e sua amarração.....	32
Figuras 19: Cipó verdadeiro e sua amarração	32
Figura 20: Preparo do barro.....	33
Figura 21: Amassando o barro	34
Figura 22: Início do <i>inchimento</i> com pedaços de pedras, cerâmicas e cacos de telhas	34
Figura 23: Processo de <i>inchimento</i>	35
Figura 24: Primeira parede pronta	35
Figura 25: <i>Inchimento</i> da segunda e da terceira parede.....	36
Figura 26: Abertura de uma vala para a frente da casa – 4ª parede.....	36
Figura 27: Estrutura da 4ª parede de pau-a-pique.....	37
Figura 28: Espaço da porta com 4 palmos de largura e 8 de altura	38
Figura 29: Paredes fechadas	38
Figura 30: Preparo para fazer o <i>rebolque</i>	39
Figura 31: Aplicação do rebolque	39
Figuras 32: Parede com o sem <i>rebolque</i>	40
Figura 33: Finalização do <i>rebolque</i>	40
Figura 34: Madeiramento da casa, caibros	41
Figura 35: Varas para fazer as Ripas	41
Figura 36: Ripas	42
Figura 37: Telhas de barro tradicional.....	42
Figura 38: Construção das Coberturas da casa	43
Figura 39: Formas de colocar as telhas	44
Figura 40: Ajuda das crianças	44
Figura 41: <i>Cumunheira</i>	45

Figura 42: Formas do telhado olhando de baixa da casa.....	45
Figura 43: Casa toda coberta	46

Lista de Tabelas

Tabela 1:Tipos de Materiais utilizados nas Moradias Tradicional Xakriabá.....	22
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.2 Um pouco sobre o território e o povo Xakriabá	9
1.3 Sobre minha história e a relação com o tema deste estudo.....	11
2. DESCRIÇÃO DA CASA TRADICIONAL XAKRIABÁ.....	14
2.1 Características gerais.....	14
2.2 Registros das casas tradicionais Xakriabá	16
3. MATERIAIS UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DA CASA TRADICIONAL XAKRIABÁ .	20
4. TÉCNICAS E PROCESSO CONSTRUTIVO DA CASA TRADICIONAL XAKRIABÁ	27
4.1 Passo-a-passo da construção de uma casa de pau-a-pique Xakriabá.....	27
5. CONCLUSÕES.....	47
6. REFEREÊNCIAS.....	49
APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	50
Entrevista 1 com o Pajé Vicente da aldeia Caatinginha	50
Entrevista 2 com o senhor Augusto Calvacante	53
Entrevista 3 com o senhor Osvaldo Fernandes Ribeiro	58
Entrevista 4 com o senhor Valdomiro Fernandes Pimenta.....	61
APÊNDICE II – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS CASAS TRADICIONAIS NA TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ	
APÊNDICE III – MAPA DOS BIOMAS E ÁRVORES	
APÊNDICE IV – PROCESSO CONSTRUTIVO DA HABITAÇÃO TRADICIONAL	
APÊNDICE V – LINHA DO TEMPO: MATERIAIS E TRANSFORMAÇÕES NA CASA TRADICIONAL XAKRIABÁ	
APÊNDICE VI – PASSO A PASSO DO PROCESSO CONSTRUTIVO	
APÊNDICE VII – ARQUIVO DIGITAL COM VÍDEO EXPLICATIVO ACERCA DO PASSO A PASSO, ENTREVISTAS, E FOTOS	

1. INTRODUÇÃO

A construção das casas do povo Xakriabá em seu território até aproximadamente 1940, acontecia, principalmente, de forma tradicional, coberta de capim e com material da própria aldeia. Mas, nos últimos anos, outros tipos de moradias têm sido construídos nesse território. Com isso, as casas tradicionais foram sendo deixadas de ser construídas, embora ainda muitas famílias não abram mão do modelo tradicional de casas Xakriabá. O conhecimento de como fazer essas casas não tem sido passado, como antes, correndo o risco de ir se perdendo ao longo do tempo.

Sendo constatado que as casas tradicionais Xakriabá estão diminuindo cada vez mais e, com o passar do tempo, podem ficar só na história, resolvi falar desta tradição neste trabalho de percurso porque ela é muito importante para nosso povo, pois faz parte do nosso modo de vida. Espero que através deste trabalho, que é um registro escrito e gráfico, eu possa contribuir para manter viva esta grande sabedoria do nosso povo. O desenvolvimento desse trabalho também contribuirá para aperfeiçoar os poucos conhecimentos que tenho sobre as nossas moradias tradicionais e acredito que este trabalho possa ser compartilhado nas nossas escolas, para que nossos alunos possam fortalecer ainda mais seus conhecimentos sobre a cultura do nosso povo.

Meu objetivo é relatar como era e como atualmente são construídas as moradias tradicionais Xakriabá. Para o desenvolvimento desse trabalho foram coletados dados em entrevistas com alguns anciões de nossas aldeias, isto é, com pessoas que viveram, conheceram e ainda hoje moram nesses tipos de casas – mesmo que com algumas mudanças – e, também, dados coletados em observação das construções existentes no território Xakriabá e no acompanhamento feito em um momento de construção de uma casa na Aldeia Barreiro Preto.

As informações que colhi foram então organizadas de maneira a apresentar vários tipos de descrição dessas casas, dando mais importância para os materiais e as técnicas de construção. Este trabalho é organizado, então, em três capítulos. No primeiro capítulo, faço uma descrição geral da casa. No segundo capítulo, relato os tipos de materiais que são utilizados. No terceiro capítulo, mostro como são as técnicas e o processo construtivo das moradias tradicionais Xakriabá. Algumas imagens, tabelas e desenhos, produzidos com o apoio dos bolsistas do Programa de Extensão Morar Indígena, são colocados ao longo do texto e em anexo, como parte deste trabalho. Esse material inclui mapas, desenhos e um vídeo

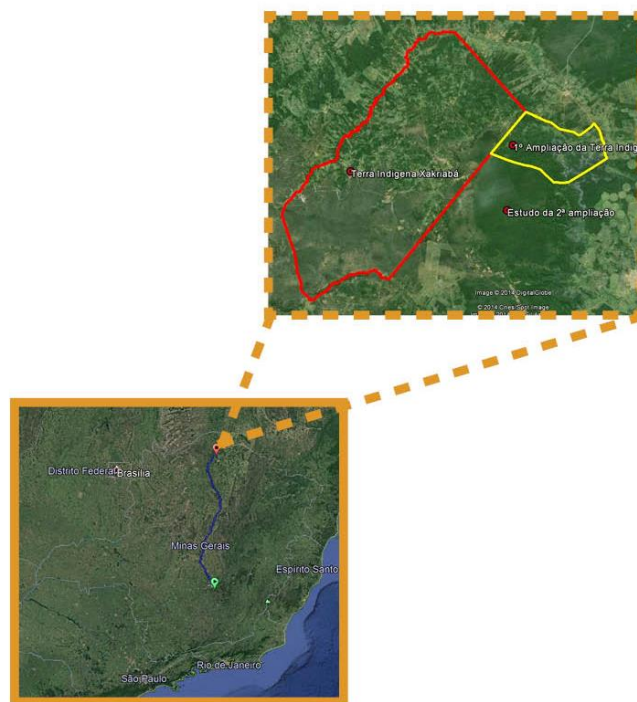
com as entrevistas e com minha explicação sobre o passo-a-passo da construção de uma casa tradicional Xakriabá.

Antes de entrar no assunto específico da casa, acho importante contar um pouco sobre mim e sobre o território Xakriabá, para apresentar o contexto onde essas casas são construídas e como escolhi este tema.

1.2 Um pouco sobre o território e o povo Xakriabá

O território Xakriabá está situado no município de São João das Missões e Itacarambi, na região do norte de Minas Gerais (Figura 1). Esse território, formado por uma única faixa de terra, faz divisa com os municípios de Januária, Itacarambi, Miravânia e Manga. Somos aproximadamente 11 mil índios, divididos entre 36 aldeias. Vivemos em um território de 53,213 mil hectares de terra e ainda estamos em luta para ampliação de aproximadamente mais 46 mil hectares que nos dará o acesso ao rio São Francisco.

Figura 1: Identificação do Território Xakriabá



Fonte: Bolsistas do Programa de Extensão Morar Indígena, UFMG

Como todas as etnias indígenas tem suas histórias, nós Xakriabá não somos diferentes. Vivemos, no passado, uma grande repressão quando tivemos que esconder nossas origens, por conta de grandes perseguidores que queriam acabar com nossos costumes

tradicionais. Se nós Xakriabá fossemos vistos praticando nossa cultura, éramos até massacrados.

O desejo de que a nova demarcação vá até o rio São Francisco justifica-se pelo fato de que, no passado, fomos empurrados para onde estamos hoje pelos grandes fazendeiros da região que foram invadindo nossas terras, obrigando nosso povo a sair de próximo das terras banhadas pelo rio São Francisco. Para os grandes fazendeiros, ali era uma grande fonte de riqueza, onde eles desmataram nossas florestas, acabaram com as caças e, o pior, nos tirou a terra mais rica para o cultivo das roças. Com a invasão dos brancos, os Xakriabá perderam suas habilidades com a pesca e hoje são poucos Xakriabá que sabem nadar. Nosso cacique Domingos costuma falar sempre:

“como que nossas crianças vão aprender a nadar se não temos o rio para que eles aprendam, como que eles vão aprender a pescar, pois não temos lugar para ensinamos?”(DOMINGOS, Cacique)

Então tudo isso nos faz refletir sobre as grandes perdas de nossos direitos que vem sendo sofrida pelos nossos antepassados a muitas gerações. Mesmo com tantas dificuldades, nunca perderemos nossa força de lutar pelos nossos direitos indígenas.

A primeira parte de nosso território foi demarcada no ano de 1979, tendo sido homologada no ano de 1988. Para ser homologada a terra indígena Xakriabá, houve muitas lutas e perdas muito marcantes para os Xakriabá. Uns dos grandes marcos da nossa história de luta foi a grande chacina que aconteceu dia 12/02/1987 com o nosso líder Rosalino Gomes de Oliveira e mais dois índios Xakriabá. A partir desta grande perda para os Xakriabá, uma parte do nosso território foi finalmente homologada. No ano de 2003, foi homologada a área do Xakriabá/Rancharia e hoje estamos lutando para ampliação do território que vai dar acesso para nós Xakriabá ao Rio São Francisco e também irá garantir os futuros das nossas crianças.

Os meios de sustentabilidade do nosso povo eram de muitas faturas até aproximadamente o ano de 2007, quando se deu início a diminuição das chuvas e com isso foi também diminuindo as colheitas das roças. Isso fez com que muitas pessoas de nossas comunidades saíssem para outros lugares à procura de serviços para sustentar suas famílias. Muitos foram trabalhar no corte de canas, pois era um serviço que oferecia facilidade para as pessoas se empregarem e garantirem os alimentos das famílias que ficavam nas aldeias. Hoje, muitos estão voltando, encontrando mais oportunidade, principalmente devido ao efeito de grandes conquistas que tivemos na área da saúde, da educação e da política.

Tivemos uma grande conquista em 1997 que foi o início da educação indígena Xakriabá pelos próprios professores indígenas, que a partir daquele momento começaram a dar aula nas próprias comunidades. Para que isso fosse possível, houve muitas lutas dos

nossos lideranças e cacique, junto com os grandes parceiros, como: Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Secretaria Estadual de Minas Gerais (SEE-MG). As escolas indígenas começaram a funcionar da 1ª a 4ª série. Logo após, deu-se início à 5ª e 8ª séries e com muitas lutas conseguimos, em 2005, a implantação do ensino médio. Então hoje, em nosso território, já funciona a educação desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Conseguimos também, com as parcerias com o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) e com o apoio da Prefeitura municipal de São João das Missões, que se implantassem em algumas aldeias os cursos técnicos ofertados para os alunos que já estavam formados no ensino médio. Hoje, a nossa educação está bem avançada, pois temos muitos parceiros que também abraçam e nos ajudam a defender nossas causas.

A chegada da educação e da saúde, a conquista da administração da prefeitura Municipal de São João das Missões por um Indígena Xakriabá e as universidades que abriram as portas para nós Indígenas estudarmos, tudo isso foi importante na contribuição de geração de renda em nossa própria reserva. Isso fez com que muitas pessoas deixassem de sair para trabalhar longe de suas famílias, longe do seu povo, e permanecessem no território.

1.3 Sobre minha história e a relação com o tema deste estudo

Eu nasci e moro na terra indígena Xakriabá, na aldeia Barreiro Preto, no município de São João das Missões, no estado de Minas Gerais. Sou filho de Calixto Florindo Bizerra (*in memoria*) e Ana Gonçalves Bizerra. Tenho quatro irmãos: Adimilson, Adilson, Ednaldo e Valdineia. Nossa forma de sobrevivência era através de plantações de roças e criações de porcos e galinhas. Atualmente, sou casado com Sandra Fernandes Pimenta, professora formada no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), na habilitação em Matemática, e hoje ela trabalha na biblioteca da Escola Estadual Indígena Xukurank.

Iniciei meus estudos na minha própria aldeia, na escola municipal Frei Caneca, vinculada ao município de Itacarambi, onde cursei da 1ª até a 2ª série, nos anos de 1995 e 1996. Nessa época, estudávamos com professores não indígenas. A partir do ano 1997, iniciou-se o processo de mudança para a Escola Estadual Indígena Bukimuju, com a sede na aldeia Brejo Mata Fome, que coordenava todas as escolas do território Xakriabá. Em 2001, a escola da aldeia Barreiro Preto desvinculou-se da Bukimuju e passou a ser a Escola Estadual Indígena Xukurank, passando a oferecer até a 8ª série. Desde que se implantou a escola indígena em nosso território, tivemos o privilégio de estudar só com professores

indígenas. Então, fui um dos alunos a fazer parte deste marco histórico da educação escolar indígena no território Xakriabá.

Ao concluir a 8ª série, ainda não tinha se implantado na aldeia o ensino médio, então, meus pais resolveram me levar pra estudar na cidade de Itacarambi, onde cursei o 1ª ano do ensino médio. Depois, quando completei 18 anos de idade, tive que sair para trabalhar e fui morar na cidade de Colinas, estado de São Paulo, onde eu trabalhava no corte de cana e estudava à noite na Escola Estadual Lamonier de Andrade. Com muitas dificuldades, terminei meu ensino médio em 2006, residi até o ano de 2007 no estado de São Paulo, ano em que meu pai faleceu, e tive que vir embora para ajudar a minha família.

Em 2010, eu me casei e fizemos nossa casa. Ela é feita toda de alvenaria, a maioria dos materiais foi comprada fora da aldeia, pois hoje já dependemos muitos de materiais de fora, e, os poucos que ainda restam, temos que preservar. De fato, a escassez de materiais para a construção das casas tradicionais e nossa preocupação com a preservação ambiental são razões para se ter diminuído a construção das casas tradicionais. As famílias que constroem essas casas tradicionais, atualmente, atendem a um determinado cuidado na hora da retirada dos materiais, devido à preocupação com a preservação ambiental.

Em 2012, iniciei meu curso de bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), que conclui em 2016. Em 2014, ingressei no curso de licenciatura do FIEI, com Habilitação em Matemática.

Nesse curso, com a demanda da escolher um tema de pesquisa para o desenvolvimento do percurso acadêmico, tive, como motivação para estudar as casas tradicionais, o trabalho de Conclusão de Curso “**Modos de Construção Xakriabá nas Aldeias Barreiro e Caatinginha**”, de Sandra Fernandes, minha esposa, finalizado em 2014. Eu pude acompanhar os momentos das suas entrevistas e, observando as falas dos entrevistados, despertou-me o interesse de conhecer um pouco mais sobre as casas tradicionais Xakriabá.

No trabalho de Sandra Fernandes Pimenta, ela fala dos *Modos de Construção Xakriabá na Aldeia Barreiro Preto e Caatinginha*, fala sobre as casas antigas, as técnicas de construção e três tipos de cobertura, que são a telha de barro fabricado na aldeia, palhas e a casca do pau-d’arco. Ela relata sobre os novos modelos de casas a que a maioria dos Xakriabá está aderindo e quais são os materiais fornecidos por lojas de materiais de construção fora da aldeia. Então, ela faz uma comparação entre as casas tradicionais e as que estão sendo construídas nos dias atuais. Diferentemente, meu trabalho enfoca com maior detalhe as casas tradicionais Xakriabá, abordando as técnicas de construção e relatando todo o processo de construção, desde a escolha do lugar, pelo tempo da lua para tirar os materiais, até o processo

final da construção. Falo sobre os tipos de materiais que são utilizados e os que não temos mais em nossa região. O meu trabalho contém mapas onde podemos localizar os tipos de vegetação em relação aos materiais utilizados, e também onde podemos localizar as casas tradicionais que, mesmo com algumas transformações, ainda existem em nossas aldeias.

O curso no FIEI me possibilitou a conhecer muitas coisas importantes que contribuiu para minha formação enquanto professor indígena. Em particular, grande experiência que tive através do desenvolvimento do meu tema de percurso foi conhecer a Escola de Arquitetura da UFMG, onde existe um projeto que trata do morar indígena que é coordenado por minha orientadora Juliana Torres de Miranda e pela professora Marcela Silvana Brandão Lopes que também contribuiu muito para a realização deste trabalho. A partir do convite da minha orientadora Juliana, eu tive a oportunidade de conhecer o Programa de Extensão Morar Indígena da Escola de Arquitetura da UFMG. Nos momentos de orientação tinha muita troca de conhecimento pois do programa está sempre discutindo sobre as moradias dos povos Indígenas, buscando formas de fortalecer suas culturas.

Este trabalho, para os Xakriabá, é muito importante porque ele resgata um pouco da história das moradias tradicionais e contém relatos de pessoas que ao longo de suas vidas acompanharam as mudanças nos modos de construir. Então, é de grande importância manter viva a cultura das casas tradicionais Xakriabá. Ao longo das minhas entrevistas, eu observei o sentimento de alegria daquelas pessoas ao falar de sua história de convivência nestas casas. Muitas ainda tentam manter essas formas de construção, mas, como o material está difícil para os Xakriabá, existe uma preocupação, principalmente das pessoas mais velhas, de que chegará um tempo que não vamos ter mais essas moradias tradicionais. Através deste trabalho, podemos levar para nossas crianças, jovens das nossas aldeias, a importância que essas casas têm na nossa cultura.

2. DESCRIÇÃO DA CASA TRADICIONAL XAKRIABÁ

2.1 Características gerais

As moradias tradicionais Xakriabá são casas muito simples, em se tratando de modernidades, com cama de varal, colchões de palha de bananeira, fogão a lenha e cobertura de capim. Elas não têm energia elétrica, fogão a gás, sofá, geladeira; não possuem piso com cerâmicas, pinturas industrializadas, entre outros. Porém, possuem uma grande riqueza de conhecimentos e técnicas própria desse povo indígena, que veio passando de geração em geração.

Todas as casas tinham o mesmo padrão: retangulares, cobertura em duas caídas de águas e, geralmente com duas entradas - uma principal e outra de fundo. As aberturas - portas e janelas - podiam ter fechamento ou não. Em termos de altura, eram todas baixas, mesmo que as pessoas que nela morassem fossem altas.

Tradicionalmente, os materiais eram retirados da própria natureza como: materiais para estrutura da casa, amarrações, cobertura, enchimentos e pinturas. Elas eram feitas sem custo nenhum, em se tratando de recursos financeiros. E no processo de construção, os mais jovens aprendiam com os mais velhos sobre como construir as casas.

Essas moradias já passaram por muitas transformações e adaptações, por causa das necessidades que são decorrentes das transformações na cultura com o passar do tempo. Mas ainda mantém a identidade indígena. Por mais que tenha havido algumas mudanças nas construções, elas nunca vão perder suas características, pelo fato delas conterem uma pintura de barro do próprio lugar, serem de pau-a-pique e construídas com material recolhido na própria aldeia. Muitas pessoas, a maioria mais velhas, não abrem mão dessas casas pelo fato das pessoas terem construído um vínculo muito forte com a casa, por ela ter umas vantagens que a casa de alvenaria não tem como: na época do frio a casa tradicional é mais quente, e, no tempo do calor, ela se torna mais fria. Hoje temos pessoas que constroem essas casas para manter a cultura, como o senhor Valdomiro Fernandes Pimenta relata:

“eu quero faz de barro memo iguali aquela ali feitha né, porque a genthi é índio e a genthi precisa sempre demonstra sempre a cutura né, a genthi nunca pode esquecer isso NE.”(PIMENTA, 2017)

Mas muitas pessoas também preferem este modelo pelo fato das casas tradicionais ter o custo financeiro muito baixo. Existem pessoas que preferem a casa de alvenaria por ela ter uma durabilidade maior que as casas tradicionais. Elas são mais modernas, com piso com

cerâmica, cheias de ferragem no lugar dos esteios, energia elétrica, maior parte do mobiliário é de fábrica, vinda de fora da aldeia, e com água encanada. Então, a casa de alvenaria também tem suas vantagens que pode contribuir na hora da escolha de se fazer uma casa. Mas, as casas de alvenaria precisam de quem tem um conhecimento especializado que não é um conhecimento compartilhado por muitos. Necessita-se contratar alguém para construir.

Sobre a localização, a casa Xakriabá é sempre próxima e sempre agrupada às casas da mesma família - dos pais, dos irmãos, dos tios, dos primos e dos avós - e às demais casas de outra família. As casas geralmente são feitas para um casal de família ou quando algum pai de família resolve mudar de casa. Assim, a casa é feita no tamanho da família, morando ali desde 2 pessoas a 10 ou mais, não tendo quantidade certa. As casas dos filhos variam de lugar, sendo, na maioria das vezes, ao lado, na frente ou no fundo da casa do pai. Mas, os filhos quando casam, eles podem optar por morar em outro lugar, pois não é uma regra que temos que seguir, até mesmo pelo fato do nosso território estar ficando pequeno. O número de Indígenas está crescendo cada vez mais e o território continua o mesmo.

As casas são construídas sempre com a frente para as estradas e próximas da água. As pessoas gostam de ficar na frente da casa ou de baixo de uma árvore, onde podem ver as pessoas passando e receber visitas. Outro lugar que é uma grande referência de ponto de encontro é na *conzinha* da casa, onde se reúnem só as pessoas da família como: os pais, os filhos e as crianças. Cada família tem definido seus lugares de fazer suas casas e suas plantações. Este local é cedido pelo cacique e representantes que determinam uma área para uma família onde irão trabalhar os pais e seus filhos, e, assim, vão passando de geração em geração.

O tamanho da casa e o número de subdivisões são definidos de acordo com a quantidade de pessoas que vão morar nela. Cada família faz suas próprias divisões dentro das casas, como quantidade de quartos, salas e *conzinhas*, em função de suas necessidades. Quando as famílias aumentam, chegará um momento que ocorrerá a necessidade de aumentar a casa e a casa é sempre aumentada na parte do fundo.

Antigamente, as construções eram feitas mais coletivamente, entre pessoas da comunidade ou entre os próprios familiares que ajudavam. Assim, os conhecimentos eram repassados com mais facilidade dos mais velhos para os mais jovens. Hoje temos jovens das nossas comunidades que aprenderam com os seus pais e avós e sabem construir esse tipo de casa. Podemos dizer, então, que não é por falta de pessoas que sabem fazer as casas tradicionais, que elas não estão sendo construídas mais como antes. Temos anciões, pessoas

adultas e jovens capazes de construir, porém não se encontra mais, em nossa região, todos os materiais necessários para se fazer a construção tradicional.

2.2 Registros das casas tradicionais Xakriabá

Para conhecer melhor e registrar as casas tradicionais Xakriabá, foram feitas várias fotografias de casas existentes e de taperas (**Figura 2**). A partir dessas fotos, foram feitos desenhos que ajudaram a compreender melhor a casa e a explicar suas partes.

O primeiro desenho foi feito sobre uma imagem de uma tapera na aldeia Barreiro Preto em uma oficina com as orientadoras e bolsistas do Programa Morar Indígena. Nesta imagem(**Figura 3**) podemos ver o que restou da casa: alguns esteios e linhas. Com um papel transparente sobre essa imagem, tentei reconstruir a casa, de pau-a-pique e com o telhado tradicional. Assim, fui reconhecendo as partes da casa e indicando os seus nomes(**Figura 4, 5, 6 e 7**).

O segundo registro produzido foi o mapa de **Localização das Casas Tradicionais Xakriabá**, que está anexo a este trabalho (**Apêndice II**). O mapa mostra a localização das casas tradicionais existentes em nosso território, onde podemos perceber uma grande presença dessas casas em nossa reserva. As aldeias que possuem a maior concentração das casas tradicionais são: Imbaúba, Riachinho, Caatinginha, Riacho Comprido e suas proximidades. Porém, todas as aldeias do território possuem uma ou mais casas tradicionais, mesmo com algumas alterações. Este mapa também foi feito na oficina com o Programa Morar Indígena. A partir de mapas do território, indiquei a localização das casas e então, o mapa foi produzido pela bolsista Maria Clara Mariano.

Outro registro importante foi feito com a ajuda da bolsista Giovanna Magalhães. Ela fez uma entrevista comigo e eu fui explicando todas as partes da casa. Com esse relato que eu trouxe, Giovanna produziu desenhos em computador – modelagem eletrônica. Este registro se chama **Processo Construtivo da Habitação Tradicional** e também está anexo a este trabalho(**Apêndice IV**).

Figura 2: Fotos das Casas Tradicionais



Tapera da antiga casa de pau a pique



Tapera da antiga casa de adobe



Casa de pau a pique



Casa de pau a pique pintada com barro Tubatinga



Casa com telha de barro



Antiga escola feita de adobe

Fonte: Autor

Figura 3: Foto de Tapera na aldeia Barreiro Preto



Fonte: Autor

Figura4: Tapera



Fonte: Autor

Figura 5: Construção da estrutura da casa



Figura 6: Casa construída e esquematizada



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 7: Oficina de produção de material gráfico



Fonte: Programa Morar Indígena, UFMG

3. MATERIAIS UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DA CASA TRADICIONAL XAKRIABÁ

A utilização dos materiais naturais e a forma dela ser feita, colhidos no próprio território é responsável pela principal característica da casa.

As casas tradicionais Xakriabá são feitas de materiais naturais, como a madeira, vários tipos de capim, palhas de cocos buritis, cascas de madeiras e, principalmente, barro. Na construção, utiliza-se a técnica do pau-a-pique, que é uma estrutura de madeira com enchimentos de barro. Os *rebolques* são feitos com vários tipos de barro e de areias. A tubatinga, que é um barro arenoso e é mais encontrado em nossa região na cor branca, é utilizada nas partes das pinturas. O toá são pequenas rochas torrões nas cores brancas, amarelados, vermelhos e marrom e é usado nos desenhos.

A casa tradicional ainda é muito presente em nossas aldeias, principalmente as casas de pau-a-pique e as casas de *adobre*. Porém, as casas sofreram mudanças principalmente na parte das coberturas, pois, com a passar do tempo, alguns materiais foram ficando escassos e, com isso, foram surgindo novas adaptações.

O Apêndice V – Linha do Tempo das Construções Tradicionais Xakriabá mostra as modificações nos materiais utilizados nas casas ao longo do tempo para as várias partes da casa: estrutura, cobertura, paredes, aberturas e mobiliário. Este desenho também foi produzido na oficina com o Programa Morar Indígena, a partir das minhas informações, e depois montado digitalmente pelos bolsistas Hugo Nogueira e Gabi.

3.1. Materiais utilizados nas coberturas

Pelos relatos das pessoas mais velhas e dos entrevistados, as coberturas das casas tradicionais de antigamente eram de capim. Nosso território possui alguns tipos de vegetações - tabuleiros, matas, e brejo/vazantes -, onde se encontram tipos diferentes de capim. O tipo de capim utilizado era influenciado pelo tipo de vegetação dominante nas regiões em que se morava. As pessoas que moravam na região das matas, utilizavam o capim sapé. Na região de tabuleiro, se utilizava o capim barba-de-bode e o *coquim* azedo. Nas regiões de brejo/vazantes, utilizavam-se as tábuas e palhas de buritis. Atualmente, não se utiliza mais o capim, porque este se tornou escasso no território. Como o senhor Osvaldo Fernandes Ribeiro, relata: “*porque com a chegada dos não índios aqui, então já começaram a colocar gados aqui, entã os gados comia muithu capim, entã o capim fracassô*”.(RIBEIRO, 2017)

Foi justamente nesta parte que as casas tradicionais Xakriabá mais sofreram mudanças, pois antes as coberturas eram feitas somente com palha de capim-sapé, que conseguiam proteger bem as casas da chuva, como relatou o senhor Augusto:

Entrevistado: “...ium agora um capim, era bom noi morava uam noi thia uma casa na onde uns meninos ta morano, la la Du Oto ladu, num num meu irmão, minino! Conde noi levantava bem cedo assim, invernava a noiti cone levantava bem cedo noi atolava no moiado, noi não via truvão, não via a chuva.

Eu: era por causa do capim?

Entrevistado: O capim sapé moçu! Sê vê conto mais caia água assim parece que serena assim, se num vê zuada, num é quem tea sãs coisa zuada não. Era bunito... era piquenu condi noi levantava um pé, uame chuveu pai? Ua sê num viu a chuva não minino! Niguem escuta a chuva não pai! Moço! Mais era bom é é! Tudo eu arcansei que eu morei.” (CALVACANTE, 2017).

Outro material de cobertura muito utilizado nas casas tradicionais Xakriabá foi a casca do Pau-d’arco, o capim barba-de-bode, o buritis, e também o *coquim* azedo, como afirma o pajé Vicente:

“as casas antiga foi tudo desse jeithu, casa feitha de casca de Pau-d’ arco era di...as as cabana di di paia di buriti e tombem aas fitho do da da das pais de coquim coquim azedo, fazer as cascadas, e tombem áa as madeiras pau- a – piquis, sobre é colocar elas invarava e e e enfiava as paia, e tobem tiam um capim tombem que era muthu impostante um capim que noi tatava qui na nossa região nu xakiabá, capim baba-de-bode que é e tapava us na época da chuva num num, num muiava tombem e e ás as juventude as crianças tiam muthu cuidhado tombem pobema di fogo.” (VICENTE, Pajé, 2016).

A partir da diminuição do capim para se fazer as coberturas, os indígenas foram adaptando outras formas de construir, passando a utilizar a casca do pau-d’arco e, com a influência da chegada de pessoas não-índios fazendeiros na nossa aldeia, foram introduzidas as telhas de barros. Então muitos indígenas, por conviver e dividir os mesmos espaços com os brancos que ali estavam, foram aprendendo a fazer o modelo de cobertura de “telhas comum” como é chamado no Xakriabá. Este modelo de telhas vem de fora, mas por elas serem de fácil produção, os Xakriabá as adotaram. Como contou Seu Osvaldo: “Então depois foi que vei a tadição de tea, ai os pessoal acho mio com as tea ai foi moderan” (RIBEIRO, 2017). Então até hoje a maioria das pessoas ainda utiliza este tipo de cobertura.

3.2. Materiais vegetais utilizados para construções e carpintaria Xakriabá

Organizando as informações colhidas sobre os materiais utilizados nas moradias tradicionais Xakriabá, construí uma tabela em que listo os materiais pelo nome utilizado pelo nosso povo e indico de que tipo de vegetação ou material são (como árvores, plantas, ramagens, palmeiras e barros, tanto para as paredes como para pinturas), em quais condições são utilizados e em qual bioma é encontrado (nas matas, nos tabuleiros e nas veredas).

Tabela 1: Tipos de Materiais utilizados nas Moradias Tradicional Xakriabá

Nome	Descrição	Característica	Localização	Utilização
Aroeira	Árvore	Verde/Seca	Mata/Taboleiro	Estruturas
Pereiro	Árvore	Verde	Mata	Estruturas /Paredes
Tapicurú	Árvore	Seca	Mata	Estruturas
Quiantã	Árvore	Verde/Seca	Mata	Estrutura
Vinharco	Árvore	Verde/Seca	Taboleiro	Estrutura
Sabogueira	Árvore	Verde	Mata	Estrutura
Capim Açú	Árvore	Verde	Mata	Estrutura/Paredes
Folha de Bolo	Árvore	Verde	Mata	Estrutura/Paredes
Pau de Vidro	Árvore	Verde	Mata	Estrutura/Paredes
Sicupira	Árvore	Verde/Seca	Mata	Estrutura/Paredes
Cansilo	Árvore	Verde/Seca	Mata	Paredes
Farinha seca	Árvore	Verde	Mata	Paredes
Pau-d'arco	Árvore	Verde	Mata	Cobertura
Angico	Árvore	Verde	Mata	Cobertura
Buriti	Palmeira	Verde/Mucho	Veredas	Cobertura
Coco Indáia	Palmeira	Verde/Mucho	Taboleiro	Cobertura
Coco Garioba	Palmeira	Verde/Mucho	Mata/Taboleiro/ Veredas	Cobertura
Coquim Azedo	Palmeira	Verde/Mucho	Taboleiro	Cobertura
Capim Sapé	Capim	Verde/Mucho	Mata	Cobertura
Capim Barba-de-Bode	Capim	Verde/Mucho	Taboleiro	Cobertura
Imburuçu	Árvore	Verde/Mucho	Mata/Taboleiro	Amarrações
Cipó de Lagarticha	Ramagens	Verde/Mucho	Mata	Amarrações
Croatá	Plantas	Verde	Mata	Amarrações
Piassaba	Palmeira	Verde/Mucho	Mata	Amarrações
Barro	Argila	Massa	Mata/Tabuleiro	Paredes/Rebolque, Pinturas

Figura 8: Fotos dos materiais



Arueira verde



Arueiura seca



Podarco



Coquim azedo



Tabua



Croatá



Cipó de lagartixa



Cipó verdadeiro



**Imburuçú à frente e
Conqueiros ao fundo**



Barro Toá



Barro Tubatinga da Caatinguinha



Barro Tubatinga do Barreiro Preto

Fonte: Autor

Esses materiais são encontrados em nosso território. A vegetação que predomina no território em que vivemos hoje é composta por três tipos de bioma, que são: a Caatinga - que é para nós a mata seca; o Cerrado - que é a parte do tabuleiro e carrasco; e uma pequena parte de Veredas. Foi feito um mapa com ajuda da equipe do programa de extensão Morar Indígena da Escola de Arquitetura da UFMG que mostra os três tipos de vegetação existentes em nosso território, onde podemos visualizar os materiais pertencentes a cada tipo de bioma e quais podem ser utilizados nas construções das casas e quais são mais apropriados para trabalhar nas carpintarias.

O mapa foi feito com Alípio Ferreira da Cruz, orientando da professora Marcela, que também utiliza o mapa no seu trabalho de graduação do FIEI sobre carpintaria Xakriabá. Primeiramente, reconhecemos em um mapa os biomas no território. O segundo passo foi desenhar os materiais em vários papéis pequenos. Depois, colocamos esses papéis nos mapas. Os bolsistas do Morar Indígena produziram um mapa digital a partir deste mapa que fizemos. O mapa se encontra em anexo neste trabalho (Apêndice III).

3.3. Barro utilizado nas construções Xakriabá

O barro é muito importante na construção das casas tradicionais, além da vegetação. No território tem também diferentes tipos de barro e isso influencia nas características das casas e nas técnicas que tem que ser utilizadas.

O barro da aldeia Caatinginha, por exemplo, é um barro mais arenoso que o encontrado na aldeia Barreiro Preto, pelo fato da aldeia Caatinginha possuir a maior parte da vegetação de tabuleiro. Além do barro ser mas branco sua maior parte é composta de areia **(Figuras 9 e 10)**.

Figuras 9: Locais de retirada do barro na Aldeia Caatinguinha



Fonte: Autor

Figuras 10: Locais de retirada do barro tubatinga na aldeia Barreiro Preto



Ponto onde foi retirado o barro



Fonte: Autor

O toá (**Figura 11**) é muito utilizado nas pinturas finais das casas e é mais presente nas casas da aldeia Caatinginha. É encontrado em grotas locais onde passa enxurrada nas épocas das chuvas. O toá é pequenas rochas, onde em uma única peça pode ser encontrado varias cores diferentes. Este toá na figura abaixo possui duas cores distintas onde a parte por fora é, mas amarelado e na parte de dentro encontra se uma cor marrom escuro. E podemos encontra varias cores diferentes.

Figura 11: Toá



Fonte: Professor Vanginei Leite

4. TÉCNICAS E PROCESSO CONSTRUTIVO DA CASA TRADICIONAL XAKRIABÁ

Neste capítulo vamos conhecer um pouco mais sobre o processo de construção da casa tradicional Xakriabá, a partir do acompanhamento de uma casa que está em processo de construção na sub-aldeia Olhos d'água dos Pimenta na aldeia Barreiro Preto. A casa será habitada por Manoel Antônio de Oliveira Silva que casou com Elisandra Fernandes Pimenta. Ela está sendo construída ao lado da casa de seu pai José Pereira da Silva. A pessoa que está construindo a casa é o senhor Manuel, pedreiro, morador da própria aldeia, contratado pela família.

Fiz o acompanhamento da casa durante os meses de junho a dezembro de 2017, fazendo um registro fotográfico e conversando com o senhor Manuel que ia me explicando o que fazia. A partir deste material, organizei um passo-a-passo ilustrado de como se deu o processo de construção desta casa. Até o fim deste trabalho a casa ainda não tinha sido finalizada e ocupada, faltando a parte da pintura toá. Para completar então o passo-a-passo, utilizei com exemplo o registro das pinturas de outras casas.

Para ajudar a escrever esse passo-a-passo, montei um quadro com as fotos tiradas e, com a ajuda da bolsista Gabriela Tavares Lanna do Morar Indígena, gravei um vídeo com minha explicação. Este vídeo está no DVD organizado pela bolsista Eduarda Monti (Apêndice VII).

4.1 Passo-a-passo da construção de uma casa de pau-a-pique Xakriabá.

O primeiro passo é escolher o local onde se irá construir. A escolha do lugar depende de cada pessoa. Tem gente que prefere fazer sua casa próxima da sua família, por exemplo perto da casa dos pais, ou em outro local onde ela se sentirá bem. Outro fator determinante na escolha de um bom lugar é o acesso à água, pois dependemos muito dela no nosso dia-a-dia e também porque ela é essencial durante o processo da construção.

Após ter escolhido o local ideal para fazer a casa, a pessoa vai começar a procurar os materiais necessários para iniciar o processo de construção. Para se retirar as madeiras, as pessoas devem observar a fase lua. O recomendado pelos nossos anciões é que sejam retiradas na lua escura para que as madeiras não rachem, e também, nessa época, pode-se tirar até a

madeira branca, ou seja, a madeira verde, pois ela não dá carunchos e sua durabilidade é maior.

Figura 12: Local da Construção



Fonte: Manoel Antônio Silva de Oliveira

Após a escolha do lugar e com os materiais necessários para iniciar a casa,, começa-se o processo com a limpeza do local. Depois, marcam-se onde serão os lugares dos esteios. O processo de marcação pode ser feito no passo, utilizando-se vara e cordas para medidas, ou no próprio olhar. Em seguida, começam-se as aberturas dos buracos para enfincar os esteios. A profundidade de cada buraco varia em função do tipo de terreno,por exemplo, em um terreno mais de barro é no mínimo de 4 palmos de profundidade, em um lugar mais arenoso seria no mínimo de 5 palmos em diante, pois em lugar com mais areia do que com barro, o terreno é mais frágil.

Figura 13: Buracos dos Esteios



Fonte: Autor

Nesta construção foram utilizados 6 esteios, em um total de 3 para cada lado da casa. Devido ao modelo que foi utilizado, não foi necessário a utilização de mais esteios, embora existem outras formas que utilizam mais de 6 esteios.

Após terminar de abrir os buracos dos esteios, iniciam-se as instalações deles em todos os buracos que foram abertos.

Figura 14: Levantamento dos Esteios



Fonte: Autor

Antes de jogar terra nos pés dos esteios, é necessário balizar antes. Sempre tem um que vai ser a referência para alinhar os demais e assim por diante. Esse processo é muito importante, pois se tiver algum fora do prumo ainda é possível alinhá-lo, o que não pode ser feito depois do enchimento. A forma de alinhamento é no próprio olhar da pessoa que está fazendo a construção.

Figura15: Alinhamento dos Esteios



Fonte: Autor

Com os esteios alinhados, colocam-se as linhas em cada um dos lados da casa. As linhas devem estar niveladas entre si, para que depois não haja problema nas *descaídas* dos telhados e para, quando vier a chuva, não prejudicar a casa. Muitos também utilizam uma madeira mais fina ou uma vara para simular a linha na hora de medir o nível de uma para outra.

A *comunheira* da casa é uma linha que vai ficar no centro da casa e também irá indicar onde será a posição da porta da frente; ela é posta junto com as linhas. A cobertura, o certo na casa tradicional é cobrir primeiro. Mas pelo fato das telhas não estarem prontas esse processo ficou para ultima parte nesta construção.

Terminado essa parte da estrutura principal da casa, começam-se as aberturas das valetas onde serão construídas as paredes de pau-a-pique. Essas valetas terão no mínimo 2 a 3 palmos de um adulto, ou mais. Isso dependerá do terreno. No terreno com mais barro, pode ser mais rasas, no arenoso é indicado que sejam mais fundas, por ser um terreno mais frágil.

Figura 16: Abertura das valetas de 2 a 3 palmos



Fonte: Autor

Com as valetas cavadas, começa-se a colocar alguns tipos de madeira que podem ser diversificadas, podem ser seca ou verde, em forma vertical, encaixadas nas valetas em baixo e nas linhas em cima. Os espaços de uma para outra deve ser de 0,5 a 1 palmo.

Figura 17: Distâncias das madeiras da vertical



Fonte: Autor

Logo após, vem a parte onde são colocadas as varas em forma horizontal. Elas são amarradas com o cipó, croata ou embira de *Imburuçu* e piaçaba. Os materiais mais usados são o cipó de lagartixa e o cipó verdadeiro.

Figuras 18: Cipó lagartixa e sua amarração



Fonte: Autor

Figuras 19: Cipó verdadeiro e sua amarração



Fonte: Alípio Ferreira da Cruz

Com a estrutura da parede pronta é hora de preparar o barro para iniciar o processo de enchimento das paredes. O processo de preparação do barro é feito próximo à casa. As pessoas abrem um buraco onde será retirada a maior parte do barro que será utilizado na construção. E, se próximo à construção, o barro não for adequado, é necessário que procure outro local onde este será retirado, mas na maior parte do nosso território, encontramos o barro com facilidade.

Nesta construção, pelo fato da casa estar em um terreno que precisava nivelar, o pedreiro teve a idéia de tirar o barro de dentro do local onde estava sendo a construção. Neste processo foram necessárias duas pessoas, uma para amassar o barro com uma enxada e outra com uma foice para cortar os torrões. No final o barro tem que ficar bem macio e como uma boa liga.

Figura20: Preparo do barro



Fonte: Autor

Quando o barro estiver preparado, começa-se a fazer o *inchimento* das paredes, utilizando-se somente as próprias mãos. Antes de colocar o barro, temos que colocar pedaços de torrões ou pedras entre os espaços que ficam entre as varas para fortalecer a paredes.

Figura 21: Amassando o barro



Fonte: Autor

Figura 22: Início do *inchimento* com pedaços de pedras, cerâmicas e cacos de telhas



Fonte: Autor

Figura23: Processo de *inchimento*



Fonte: Autor

O processo de *inchimento* pode ser feito de dentro da casa para fora, ou pode-se começar pelas paredes externas. Nesse caso, a construção foi feita de dentro da casa para fora. Quando começar a fazer o *inchimento* temos que fazer um lado da parede primeiro, depois que terminar passa para outro.

Figura 24: Primeira parede pronta



Fonte: Autor

Figura25: *Inchimento* da segunda e da terceira parede



Fonte: Autor

Como na casa temos que fechar por partes, agora é o processo do 4º enchimento. Então iremos fazer novamente as valetas da última parede, que vai fechar a casa.

Nesta casa, as paredes foram feitas por parte. Montava-se a estrutura de uma ou duas paredes e fazia-se o enchimento.

Figura 26: Abertura de uma vala para a frente da casa – 4ª parede



Fonte: Autor

Figura 27: Estrutura da 4ª parede de pau-a-pique



Fonte: Autor

A última parede a ser erguida é onde deverá ficar a porta da frente. Assim, essa parede foi dividida em duas partes deixando um espaço no meio para a porta. Este espaço não tem um tamanho padrão porque varia de família para família, principalmente na altura: no mínimo 7 palmos de um adulto e no máximo 8 a 8,5 palmos de altura. Na largura é no mínimo 4 palmos e no máximo 5. A porta da *conzinha* ou porta do fundo, como é conhecida aqui para nós Xakriabá, é menor que a porta da frente. Seria mais ou menos de 3 a 4 palmos de largura e de 6 a 7 palmos de altura. Não podemos definir uma medida exata, pois varia também de família para família ou de aldeia para aldeia na hora da construção casa. Da mesma forma acontece com as janelas. Iremos encontrar janelas de vários tamanhos, sendo o mínimo de 3, 5 ou 4 palmos de largura e 4, 4,5 ou 5 palmos de altura, sem um padrão definido. Como as estruturas das casas são baixas, as janelas costumam ser pequenas.

Figura 28: Espaço da porta com 4 palmos de largura e 8 de altura



Fonte: Autor

Figura 29: Paredes fechadas



Fonte: Autor

Quando finalizado o processo de *inchimento* das paredes, vem a parte do *rebolque*, que é uma camada de barro que irá cobrir toda a parede para fazer alguns reparo, cobrir algumas varas que ficaram à mostra e o reboque fortalece ainda, mas as paredes das casa. São feito com uma mistura de barro e areia.

Figura 30: Preparo para fazer o *rebolque*



Fonte: Autor

Para se fazer o *rebolque* também são utilizadas as próprias mãos.

Figura31: Aplicação do rebolque



Fonte: Autor

Figuras 32: Parede com o sem *rebolque*



Fonte: Autor

Figura 33: Finalização do *rebolque*



Fonte: Autor

Após a finalização dos *rebolques*, inicia-se madeiramento do telhado da casa, começando-se a colocando dos caibros.

Figura 34: Madeiramento da casa, caibros



Fonte: Autor

Em todas as pontas dos caibros tem que se fazer uma cava para que se encaixar nas linhas e amarrar com cipó, croata ou embira de Imburuçu. Atualmente, também se utilizam pregos. Nesta construção, o encaixe foi preso com prego. A largura dos caibros varia de tamanho de uma peça para outra. A distância entre os caibros também varia. Nas pontas da casa, as distâncias são mais largas, variando de 4 a 5 palmos, e no meio da casa os caibros tem que ficar mais juntos, com distância de 3 a 4 palmos pois esta é a parte que vai sofrer mais com o peso do telhado.

Terminando de colocar todos os caibros, iremos finalizar o processo de madeiramento com as varas que são utilizadas como ripas.

Figura 35: Varas para fazer as Ripas



Fonte: Autor

Figura 36: Ripas

Fonte: Autor

As ripas são colocadas acima dos caibros, em sentido contrário, com espaços entre elas de $\frac{1}{2}$ palmo a 2,5 palmos de uma para a outra. Estas ripas nesta casa foram pregadas com pregos. Mas tem outras formas de se fazer a fixação, com amarrações em cipós, croata ou embira do Imburuçu.

Quando se finaliza a parte do madeiramento, vem-se com as telhas para cobrir. Nesta casa foi utilizada a telha feita de barro na própria comunidade.

Figura 37: Telhas de barro tradicional

Fonte: Autor

Para iniciar a cobertura da casa, é necessário que as telhas fiquem armazenadas próximas da casa e é preciso uma escada e que mais pessoas ajudem neste processo. No caso da cobertura com capim, o material podia ser jogado, sem a necessidade de escada. É preciso que uma pessoa fique em cima da casa, uma na escada para repassar as telhas e outra no chão, para pegar as telhas. Nesta parte teve a contribuição das crianças Julio Cesar de Oliveira Silva e Mauricio de Oliveira Silva, que colaboraram com sua ajuda entregando as telhas.

Figura 38: Construção das Coberturas da casa



Fonte: Autor

As telhas têm que ser colocadas em fila com a capa para cima na primeira fila e com a capa para baixo na segunda fila sempre intercalando as fileiras, uma o contrário da outra.

Figura39: Formas de colocar as telhas



Fonte: Autor

Figura 40: Ajuda das crianças



Fonte: Autor

Este passo é seguido até finalizar um lado da casa e depois se passa para o outro lado e quando finalizar todo o processo coloca-se uma fileira de telha na *comunheira*, que fica no meio da casa.

Figura 41: *Cumunheira*



Fonte: Autor

Figura 42: Formas do telhado olhando de baixa da casa



Fonte: Autor

Figura 43: Casa toda coberta



Fonte: Autor

Quando se finaliza todo o processo de enchimento, reboque e cobertura, é hora de dar o toque final da casa que é a parte da pintura e decoração. Essas pinturas são muito utilizadas em nossas aldeias e ficam sobre o cuidado das mulheres. São feitas com um tipo de barro que se chama tubatinga nas cores brancas, azul claro, marrom e por ultimo o toá, que são encontrados em cores brancas, vermelhas, amarelo, marrom, e rosas. As formas das pinturas e a escolha das cores ficam a critério das famílias que está construindo sua casa, porém as cores mais utilizadas são os tons mais brancos, pois eles dão um clareamento na casa. O barro mais encontrado em nossa região é o barro tubatinga que é encontrado nas encostas de tabuleiro, uma vegetação muito comum em nosso território.

Para retirado barro é necessario o uso de um enxadão ou cavadeira para cavar a terra. Temos que lipara parte que vamos utilizar e cavar no minimo um palmo para retirar as parte sujas do barro. Quanto mais formos cavando, vamos encontrando o barro perfeito para as pinturas.

5. CONCLUSÕES

Ao concluir este trabalho, eu pude observar e conhecer um pouco da sabedoria dos povos indígenas presente nas construções das casas tradicionais Xakriabá. Percebemos que, com o passar do tempo, as casas sofreram muitas mudanças na forma de serem construídas, devido à escassez de materiais. Porém, houve outros fatores que contribuíram para essas transformações, sendo um deles as invasões dos fazendeiros em nossas aldeias, quando a maior parte de nossas matas foi destruída. Os fazendeiros trouxeram seus animais, como o gado, que contribuíram muito para o desaparecimento do capim sapé que era nativo da região e muito utilizado nas coberturas das casas tradicionais. Com os fazendeiros, também chegaram novos conhecimentos sobre construção. Devido à falta dos materiais tradicionais, alguns indígenas foram adaptando sua maneira de construir, usando o conhecimento trazido pelos fazendeiros.

Com o avanço que nós, o povo Xakriabá, conseguimos, tanto na área da educação, como de saúde e política (conquistando a prefeitura da cidade de São João das Missões) tivemos a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho. Com isso, veio a entrada do recurso financeiro que também contribuiu para essas mudanças nas casas tradicionais. Ao comprarmos um material de alvenaria, ele já vem pronto. Então isso contribui um pouco para a diminuição tanto das construções das casas quanto da *mobilhação* da casa, pois se eu tenho o recurso é mais fácil comprar pronto do que fazer.

A parte da casa tradicional que mais sofreu mudança foi a cobertura que era feita, inicialmente, de palhas de capim sapé, de tabua, de capim baba-de-bode, de buritis ou de coquim azedo e, depois, de casca do pau-d'arco. Hoje utilizam-se muito as telhas de barro feitas na aldeia. Essas telhas já são modelos adaptados pelos indígenas, pois vieram dos modelos dos não-índios. O mobiliário das casas, feito pelas pessoas da família com materiais naturais, também diminuiu, porque, com a entrada de recursos financeiros na aldeia, tivemos a oportunidade de comprar móveis prontos e muitos deles são da cidade. Às vezes, deixamos de produzir e adquirir algo de nossos costumes para trazer um produto industrializado.

Por outro lado, este trabalho mostra que ainda temos muitas casas tradicionais, mesmo que com algumas adaptações. Podemos considerar que há um bom número de moradias tradicionais no território Xakriabá, mas a preocupação é que a maioria é das pessoas mais velhas das aldeias, que ainda vivem nestas casas. Os nossos jovens já estão aderindo ao modelo de casa de alvenaria com a maior parte dos materiais vinda de fora da aldeia.

Hoje, temos também em nosso território casas construídas por programas habitacionais do governo. Essas casas já vêm com seus próprios modelos, sendo que muitos indígenas não se acostumam com o formato dessas moradias, pois elas não oferecem o conforto, a simplicidade e a liberdade que tem a casa tradicional.

Então, hoje, nós indígenas temos que ter a preocupação em fortalecer essa cultura que estamos deixando acabar, porém devemos também nos preocupar com o desmatamento no nosso território, pois somos um grupo grande vivendo em um território que está cada vez mais apertado. No território Xakriabá, existem aproximadamente 11 mil índios vivendo em uma área de aproximadamente 53.200 hectares de terras. Podemos concluir que se todos nós aderíssemos a este modelo tradicional de construção, não teremos materiais suficientes para toda nossa população. As nossas matas, nossos tabuleiros, cerrados e veredas não poderiam oferecer todos os materiais que necessitaríamos e íamos acabar destruindo nosso meio ambiente. Por isso temos que buscar novas soluções para que não deixemos acabar essas casas tradicionais, pois elas são parte de nossa cultura, história, identidade, sabedoria, respeito e união e não podemos perder essa tradição que ainda é muito forte para o povo indígena Xakriabá.

6. REFEREÊNCIAS

- PAJÉ VICENTE. Entrevista concedida à Edmar Bizerra em 31/01/2016, Aldeia Catinguinha, Terra Indígena Xakriabá, Minas Gerais. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice 1 e, em vídeo, no DVD Apêndice VII].
- CALVACANTE, Augusto. Entrevista concedida à Edmar Bizerra em 15/04/2017, Aldeia Barreiro, Terra Indígena Xakriabá, Minas Gerais. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice 1 e, em áudio, no DVD Apêndice VII].
- RIBEIRO, Osvaldo Fernandes. Entrevista concedida à Edmar Bizerra em 31/01/2017, Aldeia Barreiro, Terra Indígena Xakriabá, Minas Gerais. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice 1 e, em vídeo, no DVD Apêndice VII].
- PIMENTA, Valdomiro Fernandes. Entrevista concedida à Edmar Bizerra em 25/08/2017, Aldeia Barreiro, Terra Indígena Xakriabá, Minas Gerais. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice 1 e, em vídeo, no DVD Apêndice VII].
- PIMENTA, Sandra Fernandes. *Modos de Construção Xakriabá na Aldeia Barreiro Preto e Caatinguinha*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Formação Intercultural para Educadores Indígenas da UFMG. Belo Horizonte, 2014.
- OLIVEIRA, Lidianne Ribeiro. *Vernáculo x Política Pública Habitacional: o caso Xakriabá - análise crítica sobre as políticas públicas habitacionais em comunidades tradicionais*. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFOP. Ouro Preto, 2016.

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1

Entrevista com o Pajé Vicente da aldeia Caatinginha



Entrevista realizada em 31/01/2016 com o Pajé Vicente, morador da aldeia Caatinginha, grande mestre da medicina tradicional e também trabalha como professor de cultura. Morou na casa tradicional com seus pais, construiu sua casa quando casou e morou durante 14 anos com sua família, mas, hoje, ele mora em uma casa de alvenaria. Ele é um grande conhecedor das casas tradicionais e é uma pessoa muito importante e uma grande referência nos tratamentos das curas com as plantas medicinais e um grande guerreiro nas lutas pelos nossos direitos.

É... ida eu vou dar meu nome, meu nome é Vicente, nascido e criado aqui na reserva, na itinia xakiabá a genthi conhecem casa feita de casca de Pau-d' arco era di...as as cabana, di di paia di buriti e tombem aas fitho do da da das pais de coquim coquim azedo, fazer as cascas, e tombem áa as madeiras pau- a – piquis, sobre é colocar elas invarava e e e enfiava as paia, e tobem tiam um capim tombem que era muthu impostante um capim que noi tatava qui na nossa região nu xakiabá, capim baba de bode que é e tapava us na época da chuva num num, num muiava tombem e e ás as juventude as crianças tiam muthu cuidhado tombem pobema di fogo. condo a genthi era mas piqueno as casas antiga foi tudo desse jeithu, E essas casca genthi ia nosso pai azmae da genthi ia tirano e colocano no chão esparramando ala pá pá, elas ispaía pá elas fica irgualmente pá cubrir as casas, ai nos tomem ia lá nas maderá seca de aruera tirava as furquias cumum e tirava tomem ás é que nos tatavam da quele jethu ali oh, o um armadera ruliça Du jethu que chegava serrava cum machadim tazia nas cortas pá... fazer nossas casas intão nosi tatava as casas falava assim é casa di que que es es é é berada num chão que que era berada num chão? Nos fazia ela assim iguamente um um tipu dum rachu, que um tipu duma cabana intú as as porta nos fechava cum a propia maderá su no fosse cum

taba quera a sugurança da nossas casas La dentro noiz fazia usu fuganzinho, de pegasempre né pá noiz fazer mais mais nossa cumida tipi eé os biju, é é uns migal há é angu e as cumida tudu na, na na tudu as as saldave intã as mãe da jenthi ixplicava condo saia para torrara sua á farinha noi ficava cum é é te cuidado cum fogo pá num pega na nossa casa na nasso morada noi ia pás nascente pá fonte né noi ia cum as cabaça, cá as vazias eras cabaças caxixu e e e, produzia tombem, chuvia bastanti né, si noz ia pegar as futhas nossu piqui, e nozu é vivia nessas casas dessa, desse jethu ai. Ai conefoi nazépoca, ai as visturia pala ,FUNAI, pelas tombem essas cosa dessa mudança que teve é é... via via é recamando sobi o pobi da duença dus babero chupão é nossa região, noi morava dono sim bera é nas o cerrado muthu sinui chuvia bastante, ai juntano aqueles insetuss mais num mixia cum noz deque é jenthi tia uá é dua famia isperienti, és nos pedi nossu DEUS (TUPÂ). É dãs famia conhecedo que tabaiava cum a parti ispiritual entã as casas nossa aqui nossa adeia daqui dá adeia caatinguinha é dum xakiabá as casas, maior parti nossu povu uso e vivemo nessas casas 10 é 7 anos 5 anos, ai naépa interior ai é é jenthi morava cum meu avô ia e e e... via pá casa de mia mãe é é sê sabi é si tipu sacasa da sacutura tadição dessi jethu é é... meu pai merque fazia.hoji no theim a sabedoria noisabi fazer sascabana sascasas e e jethi passa munthu nas escolas um tabaio de pofessor de cutura, uns pajé tomem um investi isplicanu que á sacasa ajudou noibastante, que épa num thia uns médico sacasas thiam amparte dinossus encatados muthus ispir... é ispiritu...ispiritidade, ispiritual muthu forti mia mãe tevi 12 fio nuas casas dessa e e ... graças a Deus, num chego morre falece niu né. Que meu avô é era uns dus conhecedo chegava ixplicava noivia a qual na hora que acontecia di noiver é é... uscupião uma coba, noivia mexe na na, nas casca ela davaquele barui nas paia, nas nu nas paredi noivia us barui, intã é é é... num é coisa di muthu luxo intã dipois dessas casas vei as teia cumum di nossos pópios indigi fazendo que é quela ali essa ai e fetha Du adobi di nossu cunhecimento qui noi fais um agadi de madera. intã nos tem ua amosta aqui qui é uma casa que tombem eu vivi a famia a 14 anos saqui nossa tea que que meu avô meme fazia que nossa rigião e o adobi que tatá Du adobão aqui meme dessa popia terra quiada qui nossa rigião intã hoje eu tem, uma irmã que tabaia cum sa Sá ispiriência tem irmã qui tabaia tomem e nossa famia. É é... vem pra a visturias porcalza das doenças tomem pobemos de chagas, varas doenças difice mas no não deixa de caba nossa tadição nossa cutura cabar, pá num representauá casa iguamente uá uá casa dum cidadão pela cidade dus dus brancos. Agradecer pelus governantes tomem que ajuda em parceria quês tabaio dus lideranças e caciti, agadece tomem pelas ás ás todos asameaçs piciguimento que tudo que acunteceu intã nessa casa thia o maios indução aos fio já via cum cudhado ai noi thia uá isperiência um maivei cunseiava um mainovo e e noi ia cuidhando

daquilo ai a pessoa thia fica cuciênti que num pegava fogu na na, nossa casa nas cabana intã a indução é tão grandí que que invuvia é é... um incinamento muthu importanti, intã é é essa casas jenthi fica muthu ansânoso assim, moi não deixa acaba sasplicação saorientação, saentrenvisata tomem pelos cursos que seis tom fazeno, eu acho muthu portante na volta se vim cum tempo noiz intrevistano e fazeno ela, pá si mostha que noitem satadição indigi, isfuturamante atei fortaleci um ispiritu pó sicunhecimento, dique noi somo 12 irmão, qui vivemu nessa casa e e e noi convivemu maio tranquilidade, dei chegamo num pontu di 25 ano, intã sascasas ai me maisai é novata isso né foi agora essas ai foi projeto que vei cum base no pobema de doença de chaga pelos zisame pela FUNAI, e pesquisa dus de negoço dus babero nas casas mazi nossa rigião inte poço tempos tarra teno sascasas no nossa adea e e e...um sonho da genthi é é costuir intõ as nossas casas as as cama era de de vara, noi tirava lá faziam, a nossa tadição as istera das paia Du buriti. Ai intãm da têim, essa isperiência e hoje noi tabaia um regati da da daescola benifissada junthu cum pofessor ixplicano Sá sobe convivença, qui noi tem tendo Du xakiba intã á á cutura é nativi uá isperiência muthu... têm um pode poderó de pode di conhecimento, intã múm mais pur tudo isso cunhecimentu energia positiva. É é é...tabaia junto cum liderança caciti, e valas as cunhecimentu miaça ne, sabe que maió ficudade noi teve aqui, é é noi plicar nossa luta Du territorio e essa cunvivença que teim na adea, noi têim uá rigião Du praçu qui cum conveya rinuidu com a luta territorial e nosso povo intã eu eu tava fazendo lavamento os somo 13 mil parati indigi índio, fiz uá valiação mês passado soqui na mia casa passo 14 in... índia que Raí casá ai eu to conversando cum agente de saúde e cuns eliderança caciti, nos fazer um levantamento pú ano quas pessoa nuam pela adea. Ai vai acuntecer mailogui qui vai vira uam cidade num tem nem um ponto, di nosso conviver muthu ibutido, nas a nas cabulação indigi ia as terras ai pecisando dus governantes fazer a denização di nossu territorial. Entã genthi, têim a casa ali qui é das teia cumum qui di nossa rigião qui foi feitha é é conveyi aqui na adea é é um luga muthu que tem saparti di simaterial e tomem futhifera e as coisas nativi da natural.

Agradecer vocêise, qui bom cursu e muthu paceiro indigi e num, seni indigi que tabaia junthu cum nossa paceria que ajuda nossu povu. É e e... deixar um abraço a cada um os alunos qui tai nesse istudu, si cursi tomem foi um pojeto, que vei pá desenvolver nossa povu indingi, pelo apoio dus lideranças e uns caciti, e sabe qui o primero brasileiro que apareceu no Brasil foi um nosso foi os indigi, nossa paceria noi joga há Deus, e pesso a Deus Tupã que cada paceria dus Ogos que ajuda nozi, e pedu a Deus tomem aos paceros que ajuda nozi em cadas pojetus sobi

as partis dus cursus disivulmentos dus dus istudu e as tomem que disivolve os recuços tomem das casas tadicional.

Agradecer pelo nome di di finadu Rosalino qui foi perdida a vida foi adubi pá satterra que somo futo, que uma pessoa guerrero essa terra foi adquirido a toco de guerra asimiaça de todus SUS grande masnão pode baixar a cabeça, sobi a luta um da cabo, um índio guerreiro não si cansa ela é cheio di isperança. Muthu abraço a cada um di vocês que tai nessi cursu que Deus Tupã, alumina vocês a diretoria di nosso indigi xakiabá, e a intinia todos intinia e todus pofesso que ta dono aula pá vocês na rigião di Beohoizonte in... é é... nas cidade de b a... b a... BH e se Deus quizer eu caquer hora eu to indo lá visita vocês, e sempi bem vindu cada um que vim fazer a trenvista, sempre seis ganha suas novidade sua nota 10 e cum carim, e cada pofesso tem carim cum vocês, e cum apoio de todos os lideranças, caciti, cada pessoa ocupetenti que tá desivolvendo sis cursus pú vocês em BH em Berohoizonte muthu obrigado.

XXXX

Entrevista 2

Entrevista com o senhor Augusto Calvacante



Entrevista realizada em 15/04/2017 com o senhor Augusto Calvacante, de 76 anos, morador da aldeia Barreiro Preto. Sr. Augusto nasceu na aldeia Barreiro Preto. Seus pais viveram na Imbaúba e Caatinguinha antes de se mudarem para a aldeia Barreiro Preto, onde o senhor Augusto nasceu e vive até hoje. Ele conta que já morou em três casas só dentro da aldeia Barreiro, ele fala que as estruturas das casas não resistiam por muitos anos, então ou as pessoas faziam retocadas nas partes que ia estragando ou faziam outra casa, às vezes ao lado da mesma, ou procuravam outros lugares melhores ou diferentes, tanto para fazer outras casas ou em busca de melhorias como, nas plantações de roças, criação de animais.

Entrevistado: Sê vê como era ascoisa o povo cumeçoo uns vei cumeço a tira tira asquelas casca duu duu podaico botava na preença e dipois botava aquele pesu pú riba, moçu! Cone tirava era teona; o povo pegava ia e botava os caibo tudo largo quais dessa instância sim ne da otá sim e tamono sim sascasas da otá, iguali tipus das tea, incostava uma taba por riba e botava os pesu, moçu! Num moiava não.

Era bunitu, à di inchimentu as casas era tudu di inchimentu, uns que fazia de lasca, aturava pá tuda vida, aquelas qui fazia de páu branco ia inela,ela estagava caia ne, e tornava tira otós paús e botava outa vez. Mas ascasas ficava era anos e não moiava, cono via queia cumeça a goterá eles tirava uma uma tira travez de casca lá nu di Pau-d' arco nu mato tornava bata terminava punhava um pesu pú riba e podia inverna.

Eu: o senhor chegou à mora nelas não né?

Entrevistado:Morei!

Eu: morou?

Entrevistado: Morei era piquenim morei...meus zavo tudu thia casa assim, dipois foa foi mudandu, dipois mudou pu capim sapé, naquele brejo ali thia capim sapé bastanti, ele crecia que ficava assim, nó...noi rancava era carro dele, subia era cuns braçu, ai foi tiranu as casas mas parece que achava que o capim sapé, aturava memo que as casca, e e enum da muthu volume, pá pude fica, botava pesu e a casca thia que buta um farãozão di fora a fora mas era uma casona, Du tamanhu dessa mocu! Ai marrava aqueze varanzão pu riba, uns marrava cum cipó otós cassava era saco de arame e atracava nas linhas e marrava lá na ponta da otá, ficava aquele tem seladinha, um pesu a casca num conu conu invernava, que dava um solo, ela num inpinava purque ficava ai cum pesu, ficava seladinha num muiava, ai esses inventou condu apareceu um capim sapé, mas era bom mínimo! Era umas casonas ali naquela imbaúba, tirava trem dava aquela tabua moçu! foi pocus zanos seis seis inda acarçou casa veia de tabua la naquela imbaúba... inda thia era um capim sapé e um pouco das tabua...ium agora um capim, era bom noi morava uam noi thia uma casa na onde uns meninos ta morano, la la Du Oto ladu, num num meu irmão, minino! Conde noi levantava bem cedo assim, invernava a noiti cone levantava bem cedo noi atolava no moiado, noi não via truvão, não via a chuva.

Eu: era por causa do capim?

Entrevistado: O capim sapé moçu! Sê vê conto mais caia água assim parece que serena assim, se num vê zuada, num é quem tea sãs coisa zuada não. Era bunito... era piquenu condi noi levantava um pé, uame chuveu pai? Ua sê num viu a chuva não minino! Niguem escuta a chuva não pai! Moço! Mais era bom é é! Tudo eu arcanei que eu morei, eim aquele riachim moçu! mais aquele povo véi li era so casca di, casa de casca minino! Agora não hoje é pouco, poucos véi que a genthi indarcansa para conversar isso ne... sê vê cumera as coisa eu falava pus sis minino, noi morava ali na e na é nessa roça ai um povo véi quais num ligava cum cum porta não, botava a porta nus quarto ota hora nu nu nus quartos não botava a porta não noi ia dinoithi assim nois bothia só uns paus assim noi mithia os paú assim; thia uns cachorros ia durmi la pra fora niguem via bicho entra, niguem via zuada mais era um sono tão bom o povo não ligava de por porta não e eu pensava genthi; dia genthi sai uma viagem ai se uma pessoa não tiver porta rouba até a roupa. Lá as coisas lá, pois não, passava ninguém, num passava na estrada se tivesse um cachorro lá que latisse genthi lá num ia fiacava com medo passava na estrada direto e se fosse um conhecido que fosse lá, chamava de longe, tai fulano, o dono da casa tai fulano, se não visse que respondesse não não ia não. E hoje moço! A genthi dormi as casas é tudo é é trancada é é é tramela que inda tem disgrama que ainda vai descobrir casa!!! Diprimeiro era bom demais minino!

Eu: e os tios de comidas era as mesma de hoje feijão e arroz?

Entrevistado: Não áqueas comidas quais que rea comida grosseira, hoje é que mudou muthu com esse negocio de macarrão, inta antigamente era canjiquinha, era é é quase tudo era verde era aborbora plantava mais era abobora, era vartura de abobora era uma comida tudo grosseira é...é um thia é se pisava o mio no pilão fazia a canjiquinha era arroz conde thia, a farinha do mio quais fazia de mandioca, mais todo dia pisava o mio pá fazer a farinha, fazia pulenta, o que eles fala que é o angu de hoje, mais de primeiro els falava era ongú né, hoje eles tatá de pulenta ne, é mais de primeiro era angu fazia dois angu, matava a galinha fazia aquele anguzinho ralím pá comé é quais cum tipo de feijão, sê butava um pouquim de feijão botava butava um pouquinho daquele é anguzim ralim e vinha aquele grosso e botava pú riba ai vinha é galinha, se fosse galinha era galinha, se fosse carne de porco era carne de porco, se fosse carne de gado era carne de gado é é, então hoje foi que mudou esse negocio é mais arroz é mais é macarrão, antigamente nois nois cumia arroz, cone nois plantava nas nas nas lagoas nus brejos, mais ninguém comprava arroz não; só canjiquinha mas essa comida de mato moço e é se butava uma roça nu mato ai na butava roça se a se vinha ses pé de iame se num a nascia assim aquese tocão sê cavacava sim era cada cabeça moçu povo cortava sim fazia aquela

cumida era mesma coisa de ser a mandioca mansa minino, ô diacho! O povo véi mais gostava chamava iame

Eu: esse parece que a gente inda encontra nessas matas ai né?

Entrevistado: É sê inda vê uns PE dele sempre eu vou praqui eu inda comecei trabalhar no paú preto eu gostava thia vez que eu cum podão via uns pé dele ia rançava pá mais come mas eles não cresce as cabeça cumera de primeiro não, deprimeiro mas era cada cabeça minino! So se vê! Hoje PA genthi, mais muthu cumemo. E uma mistura e a mesma coisa da mandioca.

Eu: e essas cascas tinha... Qualquer pai de família que construía essas casas ou tinha alguns pedreiro, igual hoje, que hoje quando vai construir já tem os pedreiros certos?

Entrevistado: Hoje que ta cum as mudanças mais de primeiro qualquer pai de famia esse pegava à à eles não ligava cum a madeira tombem se era madeira boa, tirava importante era ter ambo, tirava tirava aquelas madeira de ambo assim e e direpente fazia aquesses ganchim cum machado e tirava aquesa linha tudo fina, tombem tem que bota um cum linha branca tomem, cum duas semanas bem dizer tava cum a casa pronta; entã o pai de famia mesmo fazia. E hoje que esse esta mudando avezes fazer mais segura ne, que de primeiro não e o povo véi quase nnao ligava de fazer bem segura não ne ne, hoje não; já tira a maderia bem madura ne já acontece que contrata um pedreiro tabaia madeira as paredes, mais de primeiro não moço! O povo botava era uma cordona assim de pegar cavalo, botava uma cordona lá tortona nem olhava direito ficava tudo torta, era feitha as paredes era de inchimento mesmo pegava ia no mato cortava, ia no mato, acontece que o mato era meio pertinho tazia aquele fechão de vara bem linhadinha e ia mutuano, ótos enfianos nos varão até as muié mesmoia botano barro enchendo as paredes, ia sim tava a casa pronta; à eu achava interessante eras ascamas inda arcanei muthas noivas que casou, povo dquele brejo mesmo pegava à ia no mato tirava aquelas varas bem alinhadinha juntava aquelas varas bem linhadinhas, moço! Pegava fazia aquelas camona bem largona umas furquias de ambo tirava Sá imbira Du croá tirava a imbira Du croá e ia maranu as varas uma na otá pá pá varas num escurregar era aquelas camona ai vinha aquesa estera de tabua botava lá na cama, pegava iapegar a banana a paia da banana pá encher um conhão moço! Tem vez que o povo novo num assuntava botava até arã, conde era de noithe, só via rã miau miau miau no meio Du cochão thia que abrir o cochão as mãe vinha minino! Tem arã ai minino!, abria o cochão sacudia as pais ia rã lá

dento...é interessante minino! Hoje vive é comprandu cama é; inda que escolher é cama boa, vi moço arcansei munthu.

Quando eu casei mesmo o cochão nosso inda foi mesmo dessa paia da banana dessa mesma paia dessa casa veia ai, thia banana demais é a genthi tirava aquelas paia bem olhando se não tinha a rã né, muia quebrava ela mais, pá ficar mais macia né comprava o pano e enchia um cochão bem encheím o cochão de paia eu tomem conheci...no tempo de calo Má, mas é bom, pá genthi durmi, moço! Conde é estera de tabua e a paia da banana; minino pode tá o tempo Du calor que num equenta não é fresquim, moço! Tem tempo de vez eu falo pá Dú nois vamos atentar comprar caçar é paia de banana bastante pá nois fazer um cochão pra o tempo Du calor pá nois durmir minino, e que esse cochão de escuma é quenthe demais.

É...sê pode informar esse pessoal mais velhos que ese explica isso ai sãs muiér esses zomes mais velhos tudo explica isso ai.

Eu: Eu já fui à caatinguinha conversei com Vicente e lá também tinha bastante ne!

Entrevistado: Hum ele deve explica tem muito desses pesoal mai vei finado Necesso sis mai vei ai sempe passava pus mai novo NE.... se vê naquela caatinguinha a barriguda ta lá ate hoji a pimeira casa qui pai fez foi a pimeira casa que pai fez foi perto dela, ai a finada Rais que moro ai essa barriguda foi cone finado ti Nezim morava ai ó, ele era fininha Ogusto ai foi crescene ingrossane ingrossane, e o finado pai falou ó menino sés num derruba não fica uma lembrança pus novo num sei ses novo nun derrubou ta cum tempo que num vô lá, nossa Sá barriguda inda tava lá ates ses poco tempo mai eu num sabia finado Avarisco é que contava ai foi onde era a casa do finado ti nervino ogusto, ai perto dessa barrigudona ai cumu eu inda estou zelano ela ainda ta ate hoji ai num sei agora depois que ele morreu ta cum tempo que eu num vô lá é. Mai é quanta lembrança NE.

Entrevista 3

Entrevista com o senhor Osvaldo Fernandes Ribeiro



Entrevista realizada em 27/01/2017 com o senhor Osvaldo Fernandes Pimenta de 74 anos. É um morador da aldeia Barreiro Preto, foi o primeiro representante da sua aldeia. Mora em uma casa tradicional de pau-a-pique e conhece toda a história das casas tradicionais e por ter sido um grande guerreiro nas lutas do nosso povo.

Entrevistado: Meu nome é Osvaldo Fernandes Ribeiro nascido aqui na reserva e criei aqui, eu dediquei muito às causas indígenas e a gente procurou muito a tradição as coisas mais velhas e a genthi como dizem, os mais velhos que a genthi não sabe, mas depois da genthi já ouvi muita mudança; que como é bem você falou a respeito da casa, antigamente nos primeiros que eu encontrei é que os mais velhos diziam que não tinham casa de tea, até o ponto que a genthi pode encontrar, tempo de minha mãe mais nova contava que não tinha casa de tea aqui na reserva; toda casa era coberta de capim, palha de sapé, capim sapé até de cocos, também esses faziam a cobertura de coco; e depois é o capim foi facassano, esse cobertura de tabua tomam as tábuas cortavam a tabua para cobrir as casas. Assim com as chegadas dos não índios tomam as vezes começaram índios a pegar algumas varas, e começo até cobrir casa com casca de pau tirando a casaca de pau para fazer a tábua pode cobrir casas né, éaaa... Pau-d' arco tirava a casca do Pau-d' arco e aí prensava depois delas todas prontas cobria a casa. Então depois foi que veio a tradição de tea, aí os pessoal achou bom com as tea aí foi moderado. Mas a casa tomam é seguinte é de pau a pique, as paredes de pau a pique aí ao mesmo tempo foi cobrir né as com pau a pique e amarram com as varas, como essas aqui mesmo é; e aí vai cobrir de barro, além de pertencer o barro, a genthi não pensa que tá com amadeira mais enchimento faziam os enchimentos de madeira e aí circulam de varas marradas de cipó, e aí marram do lado da casa nas travas, que aí se faz a separação de cômodos das casas quarto para lá quarto para cá é assim; e a madeira a madeira não tinha a madeira lavrada tomam era madeira lavrada, era madeira

rolissa; como aqui pega um pouco da tradição madeira rolissa, ninguém num precisava lavra as madeiras pra construir uma casa; te que nus momentos cum chegada das pessoas não índios, eles começaram a querer fazer casa aqui cum madeira lavrada; ai os coboclos mais veios, reclamava que não que madeira lavrada, madeira de ambado e uma modelo deferente; que aquilo era uma posse, então as pessoas já começava a criar caso com à posse, entã a casa não era não podia ter madeira lavrada não, tinha que ser uma madeira do jeithu que ele é rolissa tirada as cascas, preparava e ai fazia a amarção da casa, e as ripas não era ripas era varas, como aqui inda é ate hoje mais era marrado de cipó, esse aqui tem mais é pregado de prego, tirei os cipós e preguei os pregos que é mais seguros, mais é antigamente era tudo marrado de cipó.

Eu: É assim, a gente, eu fico observando que as casa tradicionais elas é muito baixas assim, o senhor sabe o porque disso?

Entrevistado: É justamente, a casas mais tradicional é sempre casa baixinha, memo que o dono da casa seja alto, mais a casinha é sempre baia. Aqui inda não ta comu as zepoca onde os pessoale atuava munthu pra fazer a casa, a casa bem baixinha memo munthas vezes era tampada é de dentu da casa genthi já podia imitar o lugar que tivesse goterane, pessoa menor tudu tudu fazia arrumava. Só que cum a vinda dus pessoal lá de fora, principalmente lá da Bahia, vei munthu brancus lá, ai eze vei gostane mais das casas altas, se vê cada uma casa alta memo um modelo assim mais grosseiro mas é gostava munthu da casa alta os povo dus Bahiano, mas aqui na reserva se percebi mais é casa baixa memo.

Eu: E os tipos de pinturas como que é o processo de pinturas das casas reboque no causo?

Entrevistado: Óia as paredes era rebocada de barro terra, genthi pónhava e dava... preparava a casa as paredes dava um bom reboque nas casas, ezes fazia tudo rebocada de manualmente de mãos, e depois ia tivesse, areia, aquela areia branca, a terra branca ponhava pa poder fazer a pintura desse ai, aqui pintava, as vezes Oto lugar que tivesse barro marelo as vezes podia pintar os lado da porta, pá intusiasmar, mais isso ai tudo natural num thia como hoje. Nem um ncal também era usado não, era usado tudo nu barro, na época; o barro branco procurava longe, pá poder a casa ficar clara, e ai alguma deferença nos, lado das portas ai fazia um barro mais marelo, mais avermelhado, mais tudo era de barro não tinha nada de fora, nen memo o cale, cale é coisa nova não é coisa indígena não, foi do não índio que troxe pra qui. Mas é tudo tradicional.

Eu: É... Pode falar!

Eu: É hoje ainda existe esses modelos tradicional aqui no Xakriabá?

Entrevistado: Existe esta bem poucu, mas exxiste ainda, ainda existe, pessoal foi moderano munthu, pessoal mais novo, mas os mais vei sempre ainda guarda uma tradição veia.

Eu: Qual foi o fator principal que fez com que a maioria dos povos Xakriabá fosse mudando para esse novo modelo de construção de fora assim, o quê que o senhor acha que as pessoal deixou o modelo tradicional pelo outro?

Entrevistado: É que a genthi é o seguinte porque com as vinda de pesssoas deferentes pá cá os não índios brancos chamados, as pessoas, ezes trouxeram, muthas coisas nova que não era da tradição indígena intã guando o índio fazia uma casa eze começava a enxer as paciência e gosava daquilo, cumeçava botar defeito sorrindo da cutura entã o pessoal o pessoal mais novo ia começando já pegar algumas tradição deles, e por isso rompeu munthu alguma coisa não indígena que tá aqui acontecene na reserva. Memo que thia alguém que guardava sua tradição, mais sempre aparecia deferença neste trabalho. Combem crescentando thia as posta de roças, a naquele tempo não thia o arame pá cercar a roça eu inda conheci ainda era mais novo não thia arame só cercava tudo de madeira ponhava a roça e depois com a mesma madeira da terra cercava, pá poder fazer a plantação, iguale hoje já deferençou tudo tem arame, se vai fazer uma casa faiz o quintal e cerca de arame e antigamente não, tudo de madeira tradicional memo que num andava munthu mais quando ia cabano, tornava reforma, mas era tudo tradicioanl.

Eu: É como eu observei aqui que a casa do senhor é um modelo tradicional NE? É o senhor trocaria a casa que o senhor vive hoje por esse novo modelo?

Entrevistado: Não! Não troco não! Porque a genthi já acostumou, entã é guarda isso ai enquanto Deus da vida a genthi, manter minha casa. Memo que eu poder fazer outra, eu podia fazer uma aqui próxima dela mais não destruindo a que tem NE.

Eu: É porque a gente vê muitos lugar ai que os pessoal mais de idade que constroem outras mais nova mais sempre manteve a que sempre viveu NE!

Entrevistado: É verdade é isso ai, eu não tenho nem uma intensão de destruir não, sempre da uma reforma mas não a destruição.

Eu: É se eu fosse construir a casa tradicional assim, pensando em modo de dinheiro quanto custaria uma casa tradicional?

Entrevistado: Mosso em nem posso avaliar isso ai, porque isso depende muithu que a pessoa pode conrtuir uma casa assim tradicional se ele sabe ele faiz ele não sabe ele pode fazer um mutirão também pá construi, é munthu fácil fazer isso ai, fazer um mutirão reunião e construir uma casa tipo tradicional. Nos Pataxó memo faiz isso, é munthu simples pessoa vai ai que num dia faiz munthu serviços mais parte tudo é manual né, e a mão de obra é fácil da pá fazer em mutirão.

Eu: Então sai mais em conta que essas nova de hoje? As de hoje é so na base do recurso!

Entrevistado: É hoje tem que ter dinheiro pá fazer uma casa, ai quem trabalhava nisso já cobra caro pá poder... cabar isso se o cara não tiver preparado uns trocado proprio pa fazer a ela não faiz não NE, que hoje é na base do dinheiro memo, não tem adulo pá ninguém, mas é porque é modelo de luxo NE, modelo novo, modelo de luxo quem quizer apresentar melhor tem que puxar do bolso, não tem jeithu.

Eu: Bom tio Osvaldo eu queria agradecer o senhor ai pela entrevista e muito obrigado o senhor pelo tempo do senhor.

Entrevistado: To sempre as ordem to sempre a sua disposição, qualquer coisa que depender da genthi e a genthi souber, a genthi tai pá esclarece informar, depender da genthi tamo aqui.

xxx

Entrevista 4

Entrevista com o senhor Valdomiro Fernandes Pimenta



Entrevista realizada no dia 25/08/2017 com o Sr. Valdomiro que é um é um morador da aldeia barreiro Preto, nascido e criado nesta aldeia tem 65 anos, aposentado e também faz a casa tradicional Xakriabá. Ele já morou em três modelos de casa: a primeira era dos seus pais que era coberta com uma parte de telha comum de barro feita na aldeia e outra parte com a casca do pau-d'arco. Quando casou, construiu sua própria casa de pau-a-pique, mas com a cobertura toda de telha comum, agora, recentemente, ele construiu uma casa de alvenaria no lugar da outra que tinha antes. Ao redor da casa existem duas casinhas tradicionais: uma ele usa uma como conzinha, outra para guardar alguns alimentos e, às vezes, para dormir e descansar.

Entrevistado: Óia Má pra esse serviço aqui é um serviço complicado, complicado pelo seguinte, porque é um serviço trabalhoso, a genti pa fazer um pequeno serviço desse, a genti tem que trabalhar muithu. Esse serviço é feito manual, é pela mãos da genti né, entã é um serviço assim difícil por exemplo pra cumeçar, que esse serviço ta cumeçandu, tem muthu serviço pá fazer, mais o mas principal foi o que a genti fez foi pegar essas madeira numa distancia muithu longa, e ai é a genti teve que trazer ela, transportane nas cortas, essas madeira, aonde eu fui panhar ela, esses madeiras daqui lá da mas de mili e quinhetu metro, foi trazidu tudu nas cortas, entã a genti fala isso, então, a pessoa tem que vê pá cumu é trabalhoso, pá fazer um serviço desse. Por exemplo: vou mostra Cuma foi o transporte que nois troxemu ela, nois truxemu ela assim ó, por exemplo, nois pega uma madeira dessa e vem trazendu nas cortas uma madeira pesada, conde ela é muithu pesada, a genti pega de dois um pega aqui Oto pega aqui, vem cinduzine assim nois conseguimos tazer ela aqui, toda madeira, essa coluna de madeira, essas linha, e ai por diante,ne tudu foi conduzine assim, mas até que chegou e a genti fez, o serviço nesta cituação que tá, né e ai agora tem que a genti fazer as parede lateral, né vai fazer de barro não vou fazer de bloque não, eu quero faz de barro memo iguali aquela ali feitha né, porque a genti é índio e a genti presisa sempre demostra sempre a cutura né, a genti nunca pode esquecer isso né. Só que ai eu tenho que fazer aqueles tijolu cru, que é o adobro, nois conhece pú adobre é, e a genti tem que fazer depois que secar ai a genti levanta as paredes e fecha a casa ne, fez um centro na porta de madeira, que as portas ta qui incostadu, tudu coisa assim, é manual, porta feita assim na mão né, e ai a genti vai assentar aqui depois de assentadu, a genti vai usar, agora o teado, esse não teve jethu de eu fazer não purque é um tempo mmuithu poucu pá mim fazer esse teado demora muithu, que ai eu resurvi umas tea basiliti pá mim cubrir pus cima até, sobra mais um tempi pá genti fazer as tea pra mode conseguir a casa completa uma casa artesanal né, e tem muothu serviço ainda pa

fazer aqui muithu serviço memo, eu nem sei conde eu vou terminar esse serviço porquê tem que fazer divagazim é, num viu pagar, que a genthi pagar sai o serviço contrario que a genthi qué, e vai demora um pouco né, isso era bom se fosse cuberta de capim, Cuma antigamente o povu usava, capim a casca da madeira, ai ficava um serviço mais apresentado, mas jenthi hoje é difícil tira a casca da madeira pra fazer que na verdade us pau da... tira a casca cabou, e alguns que tem a genthi não pode tira porque aquele pau que a genthi tira, a casca pá fazer o teado, as teas entã eze é coberta assim; entã aquela madeira morre porque nu caso aqui, um pau dessa posição aqui, a genthi tem que cortar aqui, tira a casaca né, fazer a casca, fazer não! é tira e carregar chegar num pontu tem que buta um peso em riba dela pela permanecer é aberta ela seca daquele jeithu, entã ela isso é um tempo demorado hoje a genthi não pode fazer isso mas porque se fazer acaba, cum alguns pau que ainda tem né mas o certo aqui era tampa de capim. O capim é bom mas é um uma cobertura pirigosa, sugeita a um fogo né e se pegar fogo numa casa de capim, num sobra nada, principalmente aqui que é casa que tem muitha criançanum tem é juizu pra pensar, ele vem brincar cum isqueiro aqui, daqui a pouco eze vai acender ai, ai incendiar vai acaba tudo pur isso a genthi nem ode fazer mais uma casa dessa pá ser assim uma casa cutural de amostra né, num tem Cuma a genthi fazer né. E sê queria saber mas o quê pra?

Eu: É como que é a base dela ai a profundidade que tem que ser mas ou menos?

Entrevistado: À não a profundidade é uma casinha dessa né num fura a terra munthu não isso ai é um vinthi cintimitro pus dentu da terra já ta bom porque a casa conde ela é uma casa granda alta ela tem que fundar mais, pá mode ela segura o pesu, mas na verdade essa casa qui num tem pesu né entã a base fica quase de cima da terra num tem Cuma funda né, aqui foi rasa num foi funda não foi vinthi cintimitro só de, dentro da terra, ai a genthi enche de de pedra, dentro da terra e levanta até a posição né, aqui pus cima vai uns dez cintimitru aqui de altura, aqui de altura né ai agora a genthi coloca o adobre ali o tijolo cru pus cima aqui nu causu à conde vem a chuva a enchorrada passa por aqui ela num arcança mais aqui porque, aqui num da enchorrada granda, sempre é enchorradinha da pingueira memo né e ai daqui da pá sustentar a parede da casa munthu bem né.